
A Bolsonarização do Espaço Público. Uma Análise Foucaultiana sobre os conceitos de Pós-verdade, *Fake News* e Discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro¹

The Bolsonization of the Public Place. A Foucauldian Analysis on the concept of Post-Truth, Fake News and the Speech of Hate Present in the Speeches of Bolsonaro

Cris Guimarães Cirino da Silva²
Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM

Resumo

Este artigo traz reflexões sobre a Análise do Discurso Francesa à luz de Michael Foucault na maneira como se constituem os regimes de verdade gerados pelas *fake news* e políticas de pós-verdades divulgadas por Jair Bolsonaro em suas redes sociais de janeiro de 2018 a junho de 2019, fomentando a formação e disseminação do discurso de ódio. Apesar de todo esse contexto, falar sobre política parece ser um caminho assertivo para evitar que as discussões fiquem somente no âmbito das polaridades partidárias estimuladas pelo importante papel das redes sociais como plataforma para novos porta-vozes. Nas materialidades linguísticas analisadas, ainda que mantenham vínculos com dados factuais, inerente a toda construção ideológica, percebe-se falas contraditórias e autoritárias permitindo reativar sentidos que viabilizam a fragilidade da democracia.

Palavras-chave: Análise do Discurso Político; Pós-verdade; Discurso de ódio; Democracia; *Fake News*.

Abstract

This article brings reflections about the French Speech Analysis Michael Foucault on the way in which the truth regimes generated by the fake news and post-truth politics published by Jair Bolsonaro in his social networks from January 2018 to June 2019, encouraging the formation and dissemination of hate speech. In spite of all this context, talking about politics may be an assertive way to avoid that the discussions are only within the scope of the parts polarities stimulated by the important role of social networks as a plataforma for new spokespersons. In the analyzed linguistic materialities, although they maintain links with factual data, inherent to any ideological construction, contradictory and authoritarian speeches can be perceived allowing the reactivation of senses that allow the fragility of democracy.

Keywords: Political Speech Analysis; Post-truth; Hate Speech; Democracy; Fake News.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Letras em Análise do Discurso da UFAM, e-mail: cris.guimaraes.cirino@gmail.com

As manifestações sociais que levaram milhares de pessoas às ruas das principais cidades brasileiras, especialmente, desde o ano de 2013, trouxeram à tona o ativismo de certos tipos de atores sociais que há décadas não participavam de forma tão intensa no espaço público. Inicialmente, as manifestações eram contra o aumento das tarifas do transporte público, mas logo a mobilização foi adquirindo uma pauta diversa e revelando uma insatisfação com a classe política naquele que foi o ano de uma grande ruptura na história do Brasil. O país se torna, notoriamente, polarizado.

Os protestos começaram com a esquerda reivindicando mas parecia que a direita capturava muito mais esse descontentamento e, já nos anos seguintes, também estava nas ruas com outras pautas, especialmente, pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff que culminou com a leitura da mídia e uma grande insatisfação da classe média com o PT munida de uma crítica generalizada sobre os governos e serviços públicos. Apesar de todo esse contexto, falar sobre política parece ser um caminho assertivo para evitar que as discussões fiquem somente no âmbito das polaridades partidárias também estimuladas pelo importante papel das redes sociais como plataforma para novos portavozes.

A partir de 2013, surgem grupos com perfis mais conservadores que ganham maior visibilidade inspirados pela ideologia de que o cenário político deveria ser “passado à limpo”, urgentemente. Em 2015, esses mesmos grupos participaram da organização de novas manifestações, dessa vez, além do impeachment de Dilma Rousseff, contra o PT e a favor da Operação Lava Jato, investigação de grande porte realizada pela Polícia Federal do Brasil contra a corrupção e lavagem de dinheiro. A esse grupo se juntaram também os que pediam intervenção militar. Já no ano seguinte, o Brasil estava com uma presidente deposta, um forte candidato à presidência preso e um clima de descontentamento geral na população, uma vez que a mudança reivindicada é tão estruturante que jamais poderia ter sido atingida em um curto espaço de tempo.

A vulnerabilidade da crise política e socioeconômica abriu espaço para aquela que foi uma das eleições mais conturbadas na história do país, envolvendo escândalos de corrupção, ataques políticos, tentativa de homicídio ao então candidato Jair Bolsonaro, *fake news*³ que estimularam a memeficação dos discursos de ódio e o que convencionou-

³ Notícias falsas é um termo novo, ou neologismo, usado para se referir a notícias fabricadas. O termo *fake news* originou-se nos meios tradicionais de comunicação, mas já se espalhou para mídia *online*.

se chamar de pós-verdade, termo usado pela primeira vez em 1992 pelo dramaturgo Steve Tesich, mas com um pico de uso da palavra em 2016 para designar fenômenos que priorizam fatos com apelos emocionais e crenças pessoais à dados objetivos, modelando a opinião pública. Em outubro de 2018, o candidato Jair Bolsonaro do PSL derrotou o petista Fernando Haddad no segundo turno, com 55% dos votos e foi eleito o 38º presidente do Brasil. Capitão reformado do Exército e Deputado Federal desde 1991, Bolsonaro se elegeu com promessas de reformas liberais na economia e um discurso conservador, contrário à corrupção, ao PT e ao próprio sistema político.

Existe um vasto número de documentos que descrevem os discursos de Bolsonaro desde a fase de pré-candidato à Presidente da República do Brasil com conotação autoritária, segregadora, populista e ideológica utilizada para incitar as classes vistas por ele como “marginalizadas”, como os homossexuais, mulheres, negros, esquerdistas, pobres, a classe acadêmica e científica, pondo em risco a democracia reconquistada na década de 80 com o fim da ditadura militar. Para tanto, problematizaremos o risco de discursos autoritários que flertam com a quebra do Estado de Direito e que se sustentam com a politização do ódio potencializando a reprodução de um discurso violento, demagogo e autoritário provocando o desinteresse por questões coletivas, vistas como ameaças à legitimidade das instituições democráticas. E não se faz democracia no individual e sim no coletivo.

Nas materialidades linguísticas analisadas, ainda que mantenham vínculos com dados factuais, inerente a toda construção ideológica, percebe-se falas contraditórias e autoritárias permitindo reativar sentidos que viabilizam a fragilidade da democracia, enunciando assim o que acredita ser fundamental para a teoria do discurso. Sendo assim, nosso principal foco de análise não se dá nas discussões entre posicionamentos políticos de esquerda ou direita, mas o que está acima desses dois polos, ou seja, as discursividades que engendram as falas de Bolsonaro e os sentidos ideológicos que carregam, fazendo convergir a teoria do discurso com postulados da genealogia e arqueologia de Foucault demonstrando que as formações discursivas são frequentadas por seus outros.

O conceito de discursividade na obra do filósofo e linguista russo Mikhail Bakhtin (1919) permite o estabelecimento de uma postura extremamente dialógica possibilitando a interação de autores, onde os enunciadores tornam-se protagonistas na promoção e na efetivação do saber. A concepção de dialogismo Bakhtiniano propõe uma

compreensão da linguagem onde o que predomina é a perspectiva da situação concreta, considerando o enunciado dentro de seu próprio contexto.

Por exemplo, quais as discursividades ou pactos sociais, políticos, jurídicos, empresariais que, articulados, dão lugar a um certo pós-fascismo nas falas de Bolsonaro? Quais forças e elementos se juntam nessa dinâmica para dar ênfase a uma espécie de bolsonarização da esfera pública, ou seja, uma banalização e até normalização de discursos de ódio, configurando a imagem de um representante social populista que vai tirar o país da crise que se instalou durante o governo de esquerda? De que forma se constituem as falas do Bolsonaro sobre alguns temas como violência, corrupção, as causas LGBT, a ideologia comunista nas universidades públicas do país tão divulgada erroneamente como se houvesse em marcha uma conspiração, empunhada por uma sociedade secreta? De que maneira os textos e imagens postados nas redes sociais de Jair Bolsonaro e, comprovados como *fake news*, corroboram para a formação de uma política de pós-verdade, incitando o ódio e apontando supostos inimigos que vão desde organizações, partidos políticos, a grupos específicos que não compartilham de seu universo de crenças e ideologia: os comunistas, os negros, os gays, as feministas e até os professores universitários, vistos como doutrinadores de uma política de esquerda.

Numa releitura dos postulados de Marx, Althusser contribui com a Análise do Discurso afirmando que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos e que através de um processo de reconhecimento, este se dá quando o sujeito se insere, por meio de suas práticas” (ALTHUSSER, 1996, p. 79).

Pêcheux considera ainda a noção de formação discursiva, incluindo um aspecto da ideologia e o que funciona em um discurso é “um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflitos umas com as outras” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p.166).

Há relações diversas e fundamentais entre o discurso e a verdade. Ao longo da história, em condições de produção distintas, já se afirmou que a verdade existiria independentemente das coisas ditas; que estas últimas seriam entrave ou acesso à verdadeira essência dos seres e fenômenos; e, finalmente, que a verdade consistiria em construção histórica dos fatos, para a qual o discurso é decisivo. Mais recentemente, vimos multiplicarem-se as alegações de que os fatos não existem, de sorte que apenas

haveria versões e interpretações alternativas. Assim sendo, instituições que antes nos guiavam com base em suas verdades fundamentais e na quase cega fé alheia, tornaram-se cada vez mais suscetíveis às nossas dúvidas e críticas. A religião, a política, a mídia e a ciência já não são mais do mesmo modo consideradas como fontes das quais brotariam a certeza dos fatos. Com frequência e intensidade aparentemente inéditas, a crença e a confiança que nelas depositávamos passaram a ter ceticismos e suspeitas. O que não significa que estejamos diante de um fenômeno homogêneo e igualmente experimentado por sujeitos de classes e grupos sociais distintos, de ideologias diversas e inscritos em diferentes relações de poder.

Operar com esta perspectiva discursiva neste trabalho permitirá reativar sentidos que tendem a ser inviabilizados nos processos discursivos da política atual, centrando-se na constituição dos saberes, ou seja, como os saberes assumem o status de verdade e acabam dando uma forma às discursividades de uma determinada época e constituição histórica. Por isso, a análise e deslocamento de sentidos sobre democracia, populismo, demagogia, administração do poder, autoritarismo etc.

Desse modo, no presente trabalho, partiremos de um viés discursivo tomando o discurso enquanto prática que constrói os objetos a que se refere.

Práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam.
Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. E esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (Foucault, 1997, p. 55)

Foucault conceituou os discursos como “[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”(FOUCAULT, 2003, P. 223 A 240). Portanto, é preciso observar como os objetos de discursos foram representados no decorrer da história, pois todo enunciado é produzido sob determinadas condições de produção discursiva articuladas a discursos e outras articuladas a discursos e outras condições de produção.

Nosso corpus será formado por enunciados de textos midiáticos recortados das redes sociais e mídia nacional com veiculações entre janeiro de 2018 a junho de 2019 que evidenciam, historicamente, um significado pulsante sobre a forma como os discursos

envolvendo as *fake news* e pós-verdades são construídos e sustentados fomentando discursos de ódio. As emissões discursivas que serão selecionadas ilustrarão bem a conexão de sentidos entre as ideias-força que sustentam o autoritarismo disfarçado de democracia. Mais do que isso, revelam a reverberação com que tais discursos são proferidos com caráter neofascista⁴. O que norteia a escolha do período mencionado é a análise dos discursos durante duas fases de Jair Bolsonaro. A primeira enquanto Deputado Federal, fase que denominamos de pré-campanha eleitoral e a segunda como Presidência da República do Brasil.

Com o dinamismo da internet, as etapas essenciais dos métodos jornalísticos foram negligenciados, seja por um número cada vez maior de coberturas em tempo real, seja pela diminuição de jornalistas contratados nas redações tradicionais. Por isso, a checagem de fatos *ante hoc* (feita antes da publicação) tornou-se algo secundário.

Na *Ordem do discurso* Foucault menciona que “a produção de verdade se dá pelo ordenamento de saberes e legitimações do que é colocado como verdadeiro” (FOUCAULT, 2006, p. 76). Assim, se tem uma reflexão sobre as práticas discursivas já que um discurso pode silenciar e desautorizar outros discursos.

É importante lembrar que a popularização das redes sociais e de equipamentos móveis também possibilitou que qualquer pessoa, principalmente formadores de opinião, criassem seus próprios canais de comunicação sem preocupações maiores com a precisão e veracidade da informação por eles distribuídas. A popularização do *fact-checking*⁵ surge exatamente nesse contexto e embora tenham existido iniciativas pontuais na década de 1990, foi em 2003 que uma fundação americana chamada *Annenberg Public Policy Center*⁶ criou o *FactCheck.org*⁷, primeira plataforma de checagem, baseada nos Estados Unidos e em seguida no Brasil com projetos pontuais.

Para preencher a lacuna da cobertura jornalística prestigiada em época de eleições, surgem plataformas brasileiras para checar sistematicamente o discurso público

⁴ O conceito de neofascismo aqui empregado é compreendido nos termos definidos por Umberto Eco (1995) como “Ur-Fascismo ou Fascismo eterno”. Trata-se de uma “nebulosa” com características peculiares, mas que não constroem um sistema, podem muitas vezes se contradizerem e estão também presentes em outras formas de despotismo.

⁵ Checagem de fatos.

⁶ Centro de Políticas Públicas de Annenberg.

⁷ É um projeto do Centro de Políticas Públicas Annenberg da Universidade da Pensilvânia com fins de checagem sobre a veracidade de informações publicadas.

chanceladas pela IFCN (*International Fact-Checking Network*)⁸ a partir de seu código de boas práticas.

A bolsonarização do espaço público

O termo bolsonarização tem sido amplamente utilizado para caracterizar práticas populistas que combinam ideias neoliberais, antidemocráticas e autoritárias embutidas nas falas do atual presidente do Brasil Jair Bolsonaro e que incitam a banalização e normalização de discursos de ódio.

O risco à democracia não é a pessoa Jair Bolsonaro em si, enquanto indivíduo ou sujeito, mas a bolsonarização do espaço público, principalmente por meio das redes sociais, e reproduzidos por seus seguidores incitados por uma ideologia ultraconservadora de direita e acima de tudo, pelo conceito de pós-verdade, fake news e o que chamamos de memeficação do discurso político de ódio, ou seja, um gênero discursivo que não é apresentado de forma dura ou clássica, mas por meio do humor e que se sustenta cada vez mais nas redes sociais. Muitas vezes são discursos interpretados de forma folclórica, lúdica e juvenil e é esse tipo de manifestação que vemos em diversas entrevistas concedidas por Jair Bolsonaro em suas redes sociais, já que é o principal canal de comunicação entre ele e a população, desde a época em que era pré-candidato à Presidência da República. Discursos como esses acabam tendo um efeito perverso, porque a população muitas vezes não identifica o ódio, o preconceito, o autoritarismo e a relação de poder interligados.

Para Pêcheux, “todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento. Os sentidos se constroem no embate com outros sentidos” (PECHÊUX, 1995, p. 102). Desta forma, quando não conseguimos rememorar a memória que sustenta aquele sentido, temos o *nonsense*⁹ que flui, naturalmente, mesmo o sujeito não tomando consciência desse movimento discursivo.

A análise discursiva das fake news, pós-verdades e discursos de ódio

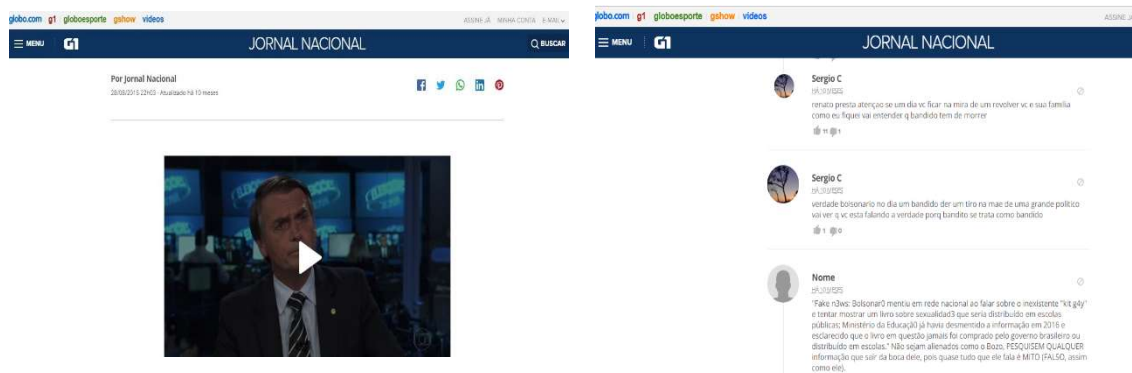
A Análise do Discurso implica operações de interpretação e leitura que envolvem campos sociohistóricos e ideológicos. Logo, para a análise de um corpus nessa

⁸ Rede Internacional de fatos verificados.

⁹ Sem sentido, de acordo com a Psicanálise.

perspectiva, considerando a própria natureza do objeto, vamos ter de sair da materialidade linguística em questão para compreendê-la em sua exterioridade, onde o histórico e o ideológico coexistem enquanto discurso. A teorização do conceito de Análise do Discurso possibilita também analisarmos a constituição do *corpus* que é a delimitação e apreensão do fenômeno discursivo.

Levando em conta essas considerações introdutórias, passemos, então, à primeira análise da materialidade que consiste na entrevista ao vivo concedida pelo então candidato à Presidência pelo PSL Jair Bolsonaro ao Jornal Nacional no dia 28 de agosto de 2018.



<acesso em 10/06/2019><https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>

Os temas abordados durante os quase 30 minutos de entrevistas envolvem temas relevantes da pauta política, como segurança pública, emprego, corrupção, discussões sobre diferenças de gênero assim como um discurso antigo e repetido em diversas épocas de eleições entre os candidatos sobre o “velho” e o “novo” político que estão integradas às discursividades que nos propomos a analisar.

Diferente de outros políticos emblemáticos, Jair Bolsonaro tem um discurso obliterante e que deriva constantemente, apesar de não ter cabresto na língua e não medir suas frases de efeito. Assim, o que engendra as falas de Bolsonaro não é se elas são de direita ou de esquerda, mas o que escondem sobre pautas sociais importantes, uma vez que, enquanto um dos principais candidatos à Presidência sendo entrevistado

numa grande emissora de televisão às vésperas das eleições, se “traveste” de direita, mas demonstra um autoritarismo exacerbado com respostas que não atendem às perguntas elaboradas e que flertam com uma conduta populistas com traços fascistas.

Evidenciamos durante a entrevista os seguintes enunciados: “...Ele entra, resolve o problema, se matar 10, 15 ou 20 com dez ou trinta tiros cada um, ele tem que ser condecorado e não processado...”; “...Dar uma florzinha para eles? Ou atirar? Você tem que entrar e atirar, se não atirar, não vai resolver nunca...”; “...Vamos juntos mudar esse ciclo, mas para tanto precisamos eleger um presidente da República honesto, que tenha Deus no coração, patriota, que respeite a família...”; “... Estavam discutindo ali, comemorando o lançamento de um material para combater a homofobia, que passou a ser conhecido como *kit gay*”. Entre esse material, Bonner, estava esse livro lá, Bonner...”. Tais enunciados trazem à tona alguns contextos muito enraizados no Brasil: Quando Bolsonaro cita nas duas primeiras sentenças que a polícia militar deve ser condecorada e não processada em caso de “entrar aturando” para matar os bandidos, fica claro o posicionamento do candidato sobre combater violência gerando mais violência e não combatendo ou mitigando as verdadeiras causas, mesmo que possa ferir ou matar até pessoas inocentes. A frase reforça outras ditas anteriormente de que “bandido bom é bandido morto” mesmo com uma polícia despreparada como a do Brasil, onde faltam recursos, treinamento e suporte do Estado. O problema da criminalidade é complexo, e precisa de respostas de igual sofisticação. E essa resposta, apesar de difícil delimitação, certamente não é a sentença de morte. Rememorando a valiosa lição de Gandhi: olho por olho, e um dia terminaremos todos cegos.

Observa-se que os sentidos de frases como as pronunciadas pelo candidato em plena época de eleição vão ao encontro do desejo de grande parte da população, pois a sensação de insegurança e da necessidade de uma ordem encontra sentido em enunciados que demonstram o poder centralizado na figura política de Bolsonaro e que ressoa num único viés para controlar a criminalidade que existe enquanto prática, mas que, quando é enunciada, elencada e interditada, vai se construindo como realidade possível, a partir desses enquadramentos discursivos. Isso porque, “o discurso não apenas descreve, mas cria uma realidade possível” (FERREIRA & TRAVERSINI, 2013, p. 211).

Os textos “mudar esse ciclo” e “um presidente que tenha Deus no coração, patriota e que respeita a família” contingencia um recorte sobre um governo que precisa de

mudanças substituindo o velho pelo novo, ou seja, políticas inovadoras diferentes das que já tivemos na história do país. Bolsonaro demonstra fazer parte de uma política neoconservadora que converge com outras lógicas complementares que reforçam o hiperindividualismo meritocrático onde o cidadão só conseguirá êxito por meio do suor do trabalho, da luta e não com a força do coletivo e esse é o discurso que ele se apropria como sendo “novo”.

Dentro desse contexto aparece ainda o fundamentalismo religioso impresso no slogan de campanha do candidato com um rótulo voltado para a preservação da família cristã e de bons costumes, preenchendo um espaço vazio deixado pela ausência de ações efetivas pelo campo progressista, uma vez que há uma articulação muito potente político-social dos evangélicos e neopentecostais como uma força articuladora socialmente periférica. Jair Bolsonaro se apropria deste contexto e atua justamente nesta lacuna angariando simpatizantes e eleitores nesse campo.

Historicamente, identifica-se que o populismo está intrinsecamente ligado ao fascismo, entretanto, com as vestes da democracia. E que, tanto o populismo de esquerda como o de direita, são articulados em torno dos mesmos elementos: a identificação entre líder e povo, a substituição das categorias ideológicas clássicas pela dicotomia entre as classes mais favorecidas e as menos desprovidas, o culto semirreligioso ao dirigente numa espécie de fundamentalismo religioso que sedimenta a base de uma governança tendenciosa, o menosprezo pelos opositores como verdadeiros inimigos do estado e a imprensa crítica fragilizando ainda mais os princípios democráticos.

A formação discursiva do enunciado acima é voltada para difusão de uma ideia nacionalista e tradicionalista onde o conservadorismo ultraliberal faz nexos com as formações ideológicas. Foucault nos elucida que há um processo que precisamos observar: o modo como o discurso materializa o ideológico, tese esboçada, mas não desenvolvida em Althusser.

Sobre o “*kit gay*”, amplamente divulgado durante a campanha eleitoral e replicada entre os apoiadores de Bolsonaro, foi analisado por plataformas de checagem e comprovados que se trata de *fake news* usada por Jair Bolsonaro durante seu pronunciamento no Jornal Nacional. Também foi falsa a informação que em novembro de 2010 houve um evento chamado “9º Seminário LGBT Infantil” e que por isso, ele questionou a integridade do conteúdo. O termo *Kit Gay* foi cunhado por Bolsonaro se

referindo ao projeto Escola sem Homofobia que, por sua vez, estava dentro do programa Brasil sem Homofobia, do governo federal em 2004.

As declarações dadas pelo candidato rememoram os discursos de outrora sobre as causas de igualdade de gênero assim como a questão da homossexualidade já tratada pelo candidato em diversas entrevistas e palestras como algo “fora da normalidade” e que perpassa pelo preconceito e discriminação, embora ele diga que essas acusações não procedem. O maior desafio entre o ativismo e a postura de Bolsonaro é que ele não compreende a homossexualidade como inata, mas como anormalidade. Vale frisar que, o conservadorismo, em sua essência, não está associado a posturas retrógradas e preconceituosas, mas ao ceticismo e a preservação daquilo que é atemporal. Nota-se que o debate sobre as pautas identitárias, políticas, sociais e econômicas ficam em segundo plano e a prioridade passa a ser uma “moralização da esfera pública”, contextualizadas no que chamamos de “guerras culturais”, ou seja, ou debates ficam em torno do campo moralista, religioso e quando provocado e questionado com argumentos intelectualizados, científicos, acadêmicos sobre a homossexualidade, tem-se respostas com contra-argumentos também moralistas, religiosos, incompatíveis com a esfera democrática.

<acesso em 05/05/2019> <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/1447169772098671>



Jair Bolsonaro está num lugar de fala como um sujeito representante de um país que salvará o povo brasileiro do caos instalado nos últimos governos, especialmente, no governo do PT. Há uma constância nos discursos de Jair Bolsonaro, desde o momento em que era candidato atravessando o momento de sua posse e fincando raízes enquanto presidente, sobre os termos democracia e comunismo, algo visto como o norteador de

seus posicionamentos políticos. É importante ressaltar que tal imagem é convalidada por seus inúmeros seguidores que o enxergam como um mártir da honestidade, afinal, somos continuamente levados a pensar o outro para a nossa própria formação.

Estudar os discursos de Bolsonaro, o significado dos significados resultando em sentidos, é também ouvir a voz social de uma memória coletiva recheada de ideologias, com a a ideia de esquerda, socialismo e comunismo e PT (Partido dos Trabalhadores) como uma sinonímia. Reforçamos a ideia inicial desta pesquisa de que, mais importante do que discutir a polaridade sobre esquerda e direita, é discutirmos as discursividades, enquanto unidades temáticas do discurso produzidas pelo sujeito, presentes por trás de todo esse embate político, social e ideológico. Contudo, não parece ser a prioridade de Bolsonaro, nem do candidato e nem do Presidente já eleito.

Quando o enunciado acima traz o termo “democracia como uma chama que será mantida sem qualquer regulamentação da mídia, incluindo as sociais”, identificamos um discurso demagogo relacionado ao conceito mais básico de democracia, o do convívio e bem-estar coletivo, assegurando os direitos humanos dos cidadãos assim como a liberdade de expressão.

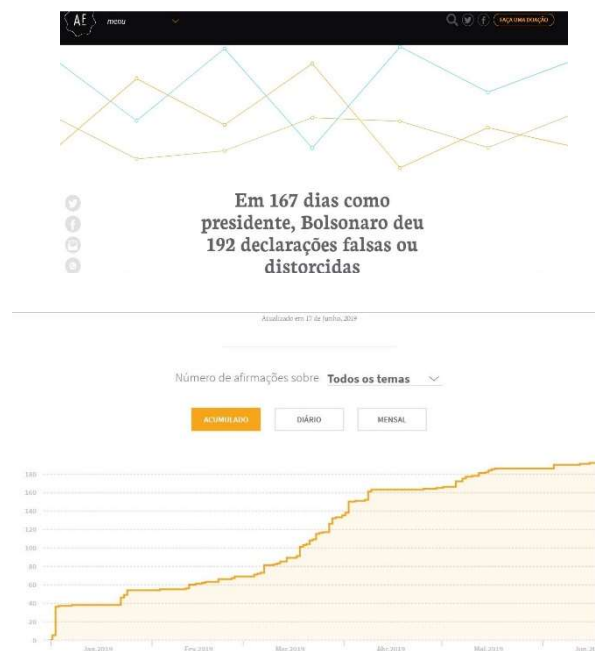
O presidente utiliza suas redes sociais como principal forma de comunicação com uma agenda ativa de posts e de produção de *lives*¹⁰ e que, ao postar temas polêmicos, não desautoriza os comentários agressivos, preconceituosos e autoritários que seguem, fazendo com que seus seguidores se sintam estimulados por posicionamentos pós-fascistas. Logo acima temos comentários de seguidores sobre o post da imagem fazendo referência a discursos obliterantes e contraditórios que se coadunam a uma política demagoga, uma vez que Bolsonaro cita a “democracia” como algo prioritário, mas percebe-se a crítica logo abaixo aos países da Coreia do Norte e Cuba, alusivos ao comunismo e ideias de esquerda, que inclusive nos mostra uma fraude intelectual e uma releitura completamente equivocada da nossa história.

O que percebemos com a frase acima é que o conceito da palavra comunismo tem sido o ato de discordar do presidente e ainda com devidos ajustes, a democracia e o comunismo, enquanto políticas ideológicas são compatíveis, uma vez que a igualdade deve ser fruto da liberdade e da fraternidade.

¹⁰ No sentido mais genérico, é uma plataforma que permite a seus usuários assistir e transmitir vídeos utilizando uma câmera e um computador através da internet.

Embora as notícias falsas ou contraditórias seja um fenômeno antigo, a disseminação das redes sociais *on line* e a cultura de compartilhar abrem precedentes para que a desinformação atinja um novo patamar que ganha visibilidade pela capacidade de influenciar sistemas políticos, principalmente, em processos eleitorais acentuando a polarização política. O contexto estudado ensejou várias reações, uma vez que elas ocorrem num terreno de tensão entre garantia de liberdade de expressão e os limites do exercício da democracia.

De acordo com uma pesquisa em *fact checking* o site Aos fatos noticiou que em 167 dias de governo, Bolsonaro deu 192 declarações falsas ou distorcidas, ou seja, a cada 10 declarações enunciadas pelo presidente Jair Bolsonaro, 06 são distorcidas ou falsas, sendo economia e relações exteriores como os assuntos que mais errou. Esse número é significativo em tão pouco tempo de governo uma vez que o presidente utiliza ativamente as redes sociais para se pronunciar o que aumenta o risco de divulgação de *fake news*, matéria prima primordial para a construção do conceito de pós-verdade.



<acesso em 17/06/2019> <https://aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>

Considerações finais

Esta pesquisa ainda está sendo desenvolvida como dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação de Letras da UFAM- Universidade Federal do Amazonas por meio de ferramentas a partir da Análise do Discurso Foucaultiana, considerando a interdição dos discursos que comprovem a intenção de fragilizar a democracia e enaltecer o autoritarismo no qual os poderes se articulam à discursos para produzir efeitos de verdade.

O dispositivo teórico que subsidia o analista de discurso a evidenciar o funcionamento de um texto é importante para Análise do Discurso porque é assim que o mesmo se afasta do dispositivo ideológico para então, explicitar os processos de significação que trabalham os textos. É preciso então observar como os objetos de discursos foram representados no decorrer da história, entendendo história aqui não como cronologia, mas como historicidade constitutiva de uma memória histórica que permita que o sentido seja compreendido.

O mundo de pós-verdadeiro não se sustenta porque existem as *fake news*, pois nunca existiu uma verdade real e objetiva, ao contrário, ela é subjetiva e não identificável e se desloca de acordo com a história e as ideologias empregadas naquele contexto. Ainda assim, não podemos isentar a mídia e seu papel crucial e independente em apurar, verificar e constatar a verdade factual evitando que os políticos e figuras públicas ajam de forma irresponsável enquanto formadores de opinião.

As articulações entre verdade e história no pensamento são distantes da concepção originária e universalista de verdade. A história é o lugar do acontecimento da verdade caracterizada por propor o poder não apenas de modo repressivo, mas também em sua parcela produtiva, já que ele produz discurso e formas de saber. A busca pela verdade não é algo absoluto, mas uma produção das práticas sociais, que se compõe pelo poder e também é geradora de efeitos de poder na sociedade.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. In ZIZEK, Slavoj. Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAKHTIN, M. **Arte e responsabilidade**. In BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. XXXIII-XXXIV. [1919]

FERREIRA, Mauricio dos Santos; TRAVERSINI, Clarice Salette. **A Análise Foucaultiana do Discurso como Ferramenta Metodológica de Pesquisa**. *Educação & Realidade*, v. 38, n. 01, p. 207-226, jan./mar. 2013

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 5. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos**, v. *IV*: Estratégia saber-poder. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

PECHÊUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi (et al.). 2. Ed. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1995.

_____. **O Discurso**. Estrutura ou Acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 3. Ed. Campinas: Ed. Pontes, 2002.

_____. **Análise Automática do Discurso**. Trad. Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1993. 319 p. P. 61-162.

_____.; FUCH, Catherine. **A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)**. Trad. Péricles Cunha. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux 2. Ed., São Paulo, Editora da UNICAMP, p. 163-252.

Disponível em: <<<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>>Acessado em 10 de junho de 2019.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolconaro/posts/1447169772098671>>>Acessado em 05 de maio de 2019.

Disponível em: <<https://aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>>>Acessado em 17 de junho de 2019.